



5 anos divulgando  
o conhecimento!  
2009-2013



REDM

# REVISTA ELETRÔNICA DOCUMENTO 10 MONUMENTO

ISSN: 2176-5804 - Vol. 10 - N. 1 - Dez/2013



NDIHR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL - NDIHR  
[www.ufmt.br/ndihr/revista](http://www.ufmt.br/ndihr/revista)

# OBJETOS, MEMÓRIA E IDENTIDADE: A HISTÓRIA DE LYUBA DUPRAT – RIO GRANDE, RS

**Olivia Silva Nery**

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural  
Universidade Federal de Pelotas  
Historiadora  
olivianery@gmail.com

**Maria Letícia Mazzucchi Ferreira**

Doutora em História  
Professora do Programa em Memória Social e Patrimônio Cultural  
Universidade Federal de Pelotas  
leticiamazzucchi@gmail.com

## RESUMO

O presente artigo tem o intuito de discutir as relações entre objetos, memória e identidade. Os objetos podem ser entendidos como documentos e, desta forma, como fontes de pesquisa, como narradores da nossa história e cultura. São ferramentas que auxiliam na construção da nossa identidade e da nossa imagem. Nesse sentido, o trabalho vai apresentar os resultados parciais da pesquisa de dissertação de mestrado que estuda os objetos que pertenceram à Sra. Lyuba Duprat, e a relação destes objetos com a construção da memória e identidade da Mademoiselle Lyuba Duprat, epíteto pelo qual ficou conhecida essa professora de francês na cidade do Rio Grande-RS. A Sra. Lyuba Duprat foi professora de francês e cultura artística, ensinou a língua e cultura francesa, até pouco antes de sua morte, aos 95 anos. Neta de franceses foi enviada pelos pais para estudar na França, em 1912, a língua considerada por ela como sua “língua natal”. No retorno ao Brasil, junto com o aprendizado da língua francesa, Lyuba trouxe aquilo que representava como “a cultura europeia” que ensinou para seus alunos. Os costumes franceses eram estampados em seu modo de vestir, andar e falar. Esses objetos foram importantes para a construção da sua identidade e marcaram a memória de muitos de seus amigos e ex-alunos. Hoje, parte desses objetos pertencem a três instituições memoriais, o Museu da Cidade do Rio Grande, a Sala de Docu-



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
MATO GROSSO

NÚCLEO DE  
DOCUMENTAÇÃO  
E INFORMAÇÃO  
HISTÓRICA REGIONAL  
NDIHR

mentação Lyuba Duprat e a Fototeca Municipal Ricardo Giovanini, que salvaguardam não só os seus objetos e fotografias como também suas memórias e histórias. A análise parcial desse acervo mostra uma forte capacidade de evocação memorial pelos seus amigos e ex-alunos, e também a importância que esses objetos tinham em sua vida cotidiana. Sendo assim, percebe-se que os objetos são detentores de histórias, de trajetórias que ligam pessoas e lugares, demonstrando que a cultura material pode servir como documento e fonte de análise para interpretar a biografia do próprio objeto e a biografia de pessoas, como é o caso da Mademoiselle Lyuba Duprat.

**Palavras-chave:** Objetos. Memória. Professora Lyuba Duprat.

### ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the relationship among objects, memory and identity. The objects can be understood as documents and then as research source, as teller of our history or culture. The objects are tools that assist in the construction of our identity and our image. In this way, this paper present some partial results of a master degree research that study some objects that belonged to Mrs. Lyuba Duprat, and the relationship of those objects with the Mademoiselle Lyuba Duprat memory and identity construction, epithet that she was known in the Rio Grande city, Rio Grande do Sul State. Mrs. Lyuba Duprat was a teacher of french language and culture. She teaches until near of her death. Granddaughter of French, she was sending to France at 1912 for learning French, that she considers her "birth language". When she came back to Rio Grande she brings, with the language, all French culture, that she would teach in the city. The French culture was stamped in the way that she dressed and walked. The objects that she used were very important to construct her identity and printed the memory of most her students. Today, part of these objects belongs to three memorial institutions: Museum of Rio Grande,

Lyuba Duprat Documentation Room and Fototeca Municipal Ricardo Giovanini., These institutions take care not only objects and photos, but also their memories and histories. The partial analysis of these objects shows a strong capacity of memorial evocation by her friends and students, and also shows the importance that the objects had in her life. In this sense, it is possible to note that the objects possess histories that connect people and places. This research demonstrate that material culture could be used as document and source to study the biography of the object and the biography of people in the objects, like Mademoiselle Lyuba Duprat.

**Keywords:** Objects. Memory. Lyuba Duprat.

### 1. MEMÓRIA, MEMÓRIAS

Em um conceito amplo e simples, a memória é algo que se constrói depois do ocorrido, a *posteriori*, é a relação do homem com o tempo, é aquilo que guardamos do nosso passado, é aquilo que conseguimos lembrar. Para Izquierdo (2011, p. 11), neurologista que estuda a memória, "o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para qual não existe outro idêntico". A memória faz com que nos reconheçamos como indivíduos para nós mesmos e também para o social, para o meio; Izquierdo (op. cit., p.11) ainda afirma que "o passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem podemos ser". Entender essa relação entre a memória e o indivíduo, é essencial para entender as demais influências que a memória tem sobre o indivíduo e também na coletividade. Quando Izquierdo fala que o nosso passado e a nossa memória nos dizem sobre quem somos, e sobre quem vamos ser, é porque a memória trabalha no indivíduo constantemente. No entanto, este movimento de influência e de trabalho de memória,

nem sempre é percebido pelo ser humano; o antropólogo Joel Candau (2006, p.10) discutindo a influência do pensamento aristotélico sobre a memória traz a seguinte reflexão "Por lo tanto, morir sería olvidar uno de los dos términos de toda existencia humana. Solamente la memoria permite ligar lo que fuimos y lo que somos con lo que seremos". Neste trecho, fica claro, novamente, a influência da memória no presente e no futuro, indo ao encontro à ideia de Izquierdo (op. cit.) dita anteriormente.

A memória é constantemente atualizada, e assim como ela influencia cada um, ela também é influenciada pelos indivíduos pelo momento presente e pelo meio onde está inserido. Segundo o conceito de Candau (2012), a memória é acima de tudo uma reconstrução do passado, mais do que uma representação fiel do mesmo, essa reconstrução é contínua e é influenciada por diversos fatores (internos e externos). Isso quer dizer que tudo o que lembramos, a cada dia, não retrata a realidade do fato ocorrido. Todas as lembranças, tudo o que é evocado pela memória, sofre uma alteração, influenciada pelo tempo presente, por isso não há um resgate da memória e do passado, pois ela não é lembrada de maneira intacta, "perfeita", ela é uma representação, uma releitura do que aconteceu, sempre com os olhos de onde se está: do presente. Isso acontece até quando lembramos várias vezes de algum fato da infância, ele nunca é lembrado da mesma maneira. Para Candau (2006, p. 13):

En un sistema de este tipo, la memoria es el resultado de un proceso de recateogrización continua. No es una memoria que replique, como la memoria electrónica de una computadora, sino es nunca la copia exacta del objeto memorizado, sino que modifica con cada nueva experiencia su propio esquema de organización, procede por asociación, generalización y de manera probabilística. [...] En suma, la memoria es plástica, flexible,

fluctuante, lábil, está dotada de ubicuidad, de una gran capacidad adaptativa y varía de un individuo al otro.

Visto que a memória é uma reconstrução do passado, alguns detalhes e acontecimentos ficam de fora desse processo, dando espaço para os esquecimentos; afinal, não nos lembramos de tudo, e neste procedimento de guarda e reconstrução de memória, algumas coisas ficam de fora, são esquecidas. Ao contrário do que muitos acreditam, o esquecimento não é um inimigo da memória, e conseqüentemente dos indivíduos. O esquecimento é necessário para a vida do ser humano, segundo Izquierdo (op. cit.), sem o esquecimento seria praticamente impossível interagir com os outros indivíduos, pois sempre iríamos lembrar as impressões negativas e atitudes destes, que não gostamos. Sem o esquecimento, as nossas lembranças não teriam nenhum alívio e viveríamos diariamente lembrando daquilo que um dia nos fez sofrer. Além do esquecimento, como falar de memória sem falar de identidade, e vice-versa? Como aponta Joel Candau (2012), a memória e a identidade estão indissolúvelmente ligadas, não existe identidade sem memória. Para Izquierdo (2011), é a memória que faz com que cada indivíduo seja da maneira que é, e é ela também que vai influenciar na nossa maneira de ser e pensar o hoje, o passado e o futuro. Inúmeros são os casos onde, por algum acidente ou por alguma doença, as pessoas que perdem a memória, ou parte dela, se sentem perdidos, desvinculados do mundo real e de suas vidas... não sabem quem são. Para Candau (op. cit.), "[...] é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade".

Nesse caso, é importante lembrar que, quando se fala na importância da memória para a identidade, fala-se também dos seus esquecimentos. A lembrança total de tudo que já aconteceu na vida de alguém pode ameaçar e perturbar a vida de qualquer indivíduo, principalmente em casos de grandes traumas, como

violência, abuso sexual, acidentes etc. Os esquecimentos individuais e coletivos também são importantes para a construção e fortalecimento das identidades. Sobre a relação entre memória e identidade, Thomson (1997, p. 57) afirma:

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual podemos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou "identidades", termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e nossa própria vivência. Construímos nossas identidades através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para pessoas, no convívio social.

O termo "identidades", que o autor utiliza, mostra a variabilidade da nossa própria identidade com o passar do tempo, e da nossa relação com a memória e o social. Assim como Candau, Thomsom, afirma que a nossa identidade ou as nossas "identidades" são construídas e moldadas várias vezes, e fazem parte de um movimento que influencia a vida assim como é influenciada por esta e pelo meio em que estamos inseridos, em suas palavras:

As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajuste às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossas identidades moldam nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o

que queremos afetam o que julgamos ter sido (THOMSON, 1997, p. 57)

Thomsom utiliza palavra modelar para designar a atividade memorial, a mesma palavra que Candau utiliza para mostrar a sua visão sobre a relação entre memória e identidade que, segundo ele, "a memória ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. [...] Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento". (CANDAU, 2012, p. 16).

Durante a nossa vida, várias coisas fazem com que tenhamos o exercício de evocação de memória, um momento onde as lembranças nos tomam o pensamento e conseguimos lembrar-se de momentos, pessoas, lugares e cheiros. Algumas vezes esse trabalho de evocação de memória é induzido por algum cheiro, música, lugar ou também quando vemos algum objeto. Nesse sentido, trabalharemos com o sentido de objeto como evocador de memória; afinal, ao longo da vida somos cercados por objetos; na infância somos rodeados por brinquedos, babeados, roupas de cama, chupetas etc., com o passar dos anos, algumas dessas coisas vão sendo guardadas como representantes de uma época, como parte da nossa história. Os anos se passam e a tipologia dos objetos vai se alterando, mas estão sempre ali, presentes na vida cotidiana, mesmo que às vezes, sem perceber, estamos sempre os utilizando. Segundo Moles (1972, p. 9), "o objeto é um dos elementos essenciais que nos cercam. Constitui um dos dados primários do contato do indivíduo com o mundo".

## 1. OBJETOS BIOGRÁFICOS: NARRADORES DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Da mesma maneira que os objetos fazem parte da construção de cada indivíduo, também são importantes para as culturas, tradições, religiões, manifestações culturais etc. Alguns objetos

possuem um significado maior dentro de cada cultura, possuem um poder simbólico que não é o mesmo em outro lugar. Os etnólogos, antropólogos e arqueólogos fazem exatamente esse estudo, pesquisando a importância e o papel desses objetos em cada cultura, em cada espaço. Os historiadores, por sua vez, também entram nesse campo de cultura material, utilizando-a como fonte histórica para suas pesquisas e para compreender também um pouco mais da sociedade e do assunto estudado. A cultura material em si pode ser entendida como um testemunho histórico. O antropólogo Laurier Turgeon (2007, p. 14) identifica quatro abordagens sobre a cultura material: a primeira, como um testemunho histórico, o estruturalismo e a semiologia do objeto, o objeto como ação social e, por último, o objeto como uma forma de expressão da memória. Em seu texto, o autor aborda essas quatro visões sobre a cultura material, mas sempre tendo em vista que o objeto pode servir como documento, como fonte para análise das relações sociais e culturais, como fonte para entender a vida dos indivíduos. Dessa maneira, os objetos, ou a cultura material, podem ser vistos e entendidos como documentos. Para Meneses (1998, p. 95),

O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. É, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda a operação com documentos, portanto, é de natureza retórica. Não há por que o documento material deva escapar destas trilhas, que caracterizam qualquer pesquisa histórica.

Considerando que os objetos possuem uma biografia, é possível fazer, então, um traçado desse objeto dentro de um esquema de compreensão do mesmo como produto de uma sociedade, mas igualmente como índices pelos quais se pode traçar o percurso de uma vida ou de várias vidas. A noção de objeto semióforo, engendrada por Pomian, se coloca aqui como uma ferramenta de compreensão do objeto para além de sua carga material e tecnológica que, para Pomian (1984), faz a mediação entre o visível e o invisível, onde, segundo Meneses (1994, p. 18), os objetos “são semióforos, expressão rebarbativa forjada por Pomian (1977) para identificar objetos excepcionalmente apropriados e exclusivamente capazes de portar sentido, estabelecendo mediações de ordem existencial (e não cognitiva) entre o visível e o invisível, outros espaços e tempos, outras faixas de realidade”. Além disso, para o Ulpiano (1998, p. 92), “o cerne da questão, para o historiador [...] é, acredito, que os artefatos estão permanentemente sujeitos a transformações de toda espécie, em particular de morfologia, função e sentido, isolada, alternada ou cumulativamente. Isto é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia”. Tal como apresenta Meneses (1998, p. 93) “a biografia dos objetos introduz um novo problema: a biografia das pessoas nos objetos”.

Entender a biografia de alguém através dos objetos faz com que estes adquiram o sentido e a função de objetos biográficos e narradores, capazes de narrar a história de alguém e as suas memórias, podendo, ao mesmo tempo, ser entendidos como documentos, biográficos, narradores e suportes de memória, entende-se que os objetos são detentores de uma “biografia cultural” (KOPYTOFF, 1986), termo criado por Kopytoff que, segundo Gonçalves (2007, p. 24), resume essa carga histórica e memorial dos objetos. Turgeon (2007, p. 25) também utiliza o conceito de Kopytoff para analisar a “vida dos objetos”, para ele, “como os objetos materiais sobrevivem às pessoas, eles estruturam suas relações sociais com o tempo. Os objetos possuem suas próprias vidas, suas trajetórias, suas biografias que nós podemos reconstruir”. Sobre essa ligação íntima entre sujeito e objeto e as memórias que estão presentes nessa relação, Anette

Weiner (apud Gonçalves, op. cit., p. 26) destaca:

[...] usamos objetos para fazer declarações sobre nossa identidade, nossos objetivos, e mesmo nossas fantasias. Através dessa tendência humana a atribuir significados aos objetos, aprendemos desde tenra idade que as coisas que usamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre quem buscamos ser. [...] Através dos objetos fabricamos nossa auto-imagem, cultivamos e intensificamos relacionamentos. Os objetos guardam ainda o que no passado é vital para nós. [...] não apenas nos fazem retroceder no tempo como também tornam-se os tijolos que ligam o passado ao futuro.

A mesma autora exterioriza a grande importância que os objetos têm na vida cotidiana dos indivíduos, e como eles colaboram para a construção de identidades, histórias e memória; e como os objetos auxiliam na nossa relação entre passado, presente e futuro. Os objetos têm um papel importante nas relações sociais e na maneira com que enxergamos o mundo e como o mundo nos enxerga. Muitos desses aspectos vão ao encontro do pensamento de Moles (1972), dito anteriormente, no qual os objetos são essenciais e possuem uma grande importância na construção da relação dos indivíduos com o mundo, com a sociedade, e com a sua própria vida cotidiana. Esse papel que o objeto tem faz com que, muitas vezes, eles sejam vistos pelos seus donos, como uma extensão de si mesmo, como um “*extended self*” (Meneses, 1998, p. 96). Sobre essa relação dos humanos com seus objetos e desses objetos com a memória e identidade, Bosi destaca:

Mais do que uma sensação estética de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição do mundo, à nossa identidade; e os

que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. [...] São estes objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem como possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista [...]. (BOSI, 2005, p. 5).

Nesse trecho, Bosi utiliza a classificação de Violette Morin para caracterizar os objetos biográficos como aqueles que fazem parte da vida de alguém, que auxiliam na construção de sua identidade, do seu lugar no mundo. Fazendo a relação entre os objetos e a memória, e estes como suportes de memória, Ferreira (2008) analisa os objetos e a sua relação entre memórias (individuais e coletivas) e a importância deles para a construção da identidade dos mesmos. No artigo intitulado “*Objetos, lugares de memória*”, a autora analisa contextos importantes, dentre eles, a relação simbólica e o caráter de relíquia que muitos objetos recebem. No artigo, a autora utiliza como exemplo um ex-combatente da FEB e alguns objetos que foram adquiridos durante operações na Itália, como uma faca que o antigo combatente diz ter ganho de um oficial alemão que conviveu junto com ele em um dos campos de refugiados. A localização da faca dentro da casa expõe o caráter simbólico e a importância que a mesma tem para ele e para sua família, pois é guardada em um cofre, enrolado em um tecido de veludo (FERREIRA, 2008, p. 27).

Além desse caso, a autora mostra a importância desses vestígios materiais para a memória: “No caso dos objetos como elementos de evocação, é importante também percebê-los como elementos de distinção, objetos biográficos fortemente carregados de um sentido, narradores, eles próprios da trajetória social de um sujeito”. (FERREIRA, 2008, p. 25). Com tais reflexões expostas acima, pode-se entender que os objetos chamados “biográficos” são aqueles que fazem parte da vida de alguém, que envelhecem com ela e que fazem parte da sua identidade, contribuindo para a construção e compartilhamento de suas memórias, e que, posterior-

mente, servem como fonte de estudo para narrar essas histórias e memórias. Ainda sobre a relação entre objetos biográficos com a evocação, preservação e compartilhamento de memórias, Lima (2001) admite que “a maior parte das lembranças só é guardada graças à casa e, muitas vezes, à custa de fragmentos, objetos, sons, odores, uma infinidade de detalhes que funcionam como verdadeiros 'arrimos de memória'”. (LIMA, 2001, p. 40).

Com essa reflexão, podemos dizer que os objetos que nos rodeiam constroem o cenário que vivemos, não só na nossa casa, mas nos lugares que frequentamos como, por exemplo, a casa dos nossos familiares, escola, trabalho etc. Mesmo que mudemos de casa ou que paremos de frequentar esses lugares, alguns objetos ficam marcados na nossa memória, são referências do espaço. Quando nos deparamos com esses objetos ou similares em algum lugar ou fotografia, fazemos a associação imediata com aqueles que nos cercavam naquele cenário; lembramos dos momentos que passamos lá, das pessoas que estavam conosco etc. O mesmo acontece quando encontramos objetos que pertenciam a alguém, ou que dizemos: “é a cara dele (a)”, a presença do objeto gera uma evocação de memória, memória de alguém, de algum lugar ou momento. Nesse sentido, é praticamente indiscutível que esses objetos possuem uma ligação forte e importante com a memória. Octave Debary (2010), em seu artigo “*Segunda mão e segunda vida: Objetos, lembranças e fotografias*”, também aborda a relação entre os objetos materiais e as memórias, “porque são objetos materiais (tangíveis), mas também alterados (*junk*), que permitem uma passagem de testemunho cuja indefinição (estando alterados e vindos de outros) abre à redefinição possível do passado. **Funcionam assim como “pontes” de uma memória coletiva ou individual**”. (DEBARY, 2010, p. 7) [grifo nosso].

Se os objetos são evocadores e suportes de memória, e a memória está indissolúvelmente ligada à identidade (CANDAU, 2012), pode-se dizer que os objetos também possuem uma relação com a identidade de cada um. De certa maneira, eles servem para construir a nossa identidade e a construir a nossa imagem

para os outros. Para Turgeon, “os objetos desencadeiam fortes experiências sensoriais e afetivas capazes de mobilizar ou desmobilizar as pessoas. Eles também permitem ao indivíduo dizer quem ele é, de afirmarem sua personalidade e sua integração social”. (TURGEON, 2007, p. 24, tradução nossa). Dessa maneira, pode-se perceber que os objetos funcionam como grandes evocadores de memórias e, além disso, fazem parte da construção de nossa personalidade e identidade:

A sugestão é que sem os objetos (materiais) não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas. Sejam os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais, sejam eles retirados de circulação cotidiana e deslocados para os contextos institucionais e discursivos das coleções, museus e patrimônios; o fato importante a considerar aqui é que eles não apenas desempenham funções identitárias, expressando simbolicamente nossas identidades individuais e sociais, mas na verdade organizam a percepção que temos de nós mesmos individualmente e coletivamente. (GONÇALVES, 2007, p. 27)

Podem traduzir a maneira com que enxergamos o mundo e como ele nos enxerga; fazem parte da nossa cultura e da nossa vida e, por isso, também podem ser vistos como documentos, possíveis de serem analisados como fontes. Dessa maneira, os objetos funcionam, então, como testemunhas históricas, carregados de simbolismos e significados, como “pontes” de memória e como uma maneira de fazer e estudar a biografia de alguém, neste caso, o de Lyuba Duprat.

## 2. A PROFESSORA LYUBA DUPRAT E SEUS OBJETOS

Alice Lyuba Duprat (1900-1994), mais conhecida como Lyuba Duprat, nasceu na cidade do Rio Grande no sul do Rio Grande do

Sul. Conhecida por ser professora de francês, dedicou grande parte da sua vida ao ensino da língua francesa e da história da arte na cidade do Rio Grande (RS) e também no Rio de Janeiro (RJ). Neta de franceses e filha do médico Augusto Duprat, reconhecido na cidade pelo seu trabalho de uma medicina de cunho social e benemerente, essa professora foi enviada pela família, em 1912, para estudar a língua considerada por ela como "língua natal", na França. No retorno ao Brasil, em 1916, junto com o aprendizado da língua francesa, Lyuba trouxe os traços de uma cultura europeia que passou a difundir através de seus cursos de língua francesa, arte e civilização francesa, era apaixonada por dar aulas. Em uma entrevista para a rádio universidade local<sup>1</sup>, diz o quanto ama lecionar e como não saberia fazer outra coisa da vida. Por isso a recusa em se aposentar e a escolha de lecionar até perto do seu leito de morte. Lyuba não era a única professora de francês da cidade, assim como ela, haviam outras que mantinham seus grupos de língua francesa. No entanto, Lyuba era conhecida pela sua capacidade, pelo amor e dedicação na profissão, apesar de ser muito rigorosa com seus alunos, não só com o aprendizado da sua "língua natal", mas de boas maneiras; é vista com bons olhos pelos seus ex-alunos que, apesar de contar que tinham um pouco de medo, sabiam da capacidade intelectual e de ensinar que ela tinha. Todavia, apesar de Lyuba ser um pouco rigorosa, era conhecida pelo carinho e preocupação para com seus amigos e alunos. Correspondia-se, através de cartas, com ex-alunos, principalmente do Rio de Janeiro, quando voltou a morar em Rio Grande, também em sua entrevista para rádio, ela diz adorar poder usar a tecnologia do telefone para saber das notícias dos seus ex-alunos e amigos que moravam longe. Pela sua dedicação à profissão, acabou ganhando dois prêmios em reconhecimento à sua atuação profissional: o registro no Livro dos Recordes brasileiro, como a professora que deu aula por mais tempo, e o título de Doutora *Honoris Causa*, recebida pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, quase no fim de sua vida. Sendo assim, Lyuba ficou conhecida na cidade pela sua profissão

e também pela maneira como se mostrava ao público, considerada como um apanágio de sua francesidade. Ezio Bittencourt em seu livro "*Da Rua ao Teatro*", fruto de sua dissertação de mestrado (PUCRS) sobre a vida social e cultural na cidade do Rio Grande, lembra dessa professora de francês e suas aulas:

As aulas de francês - ou seria melhor, as "lições de vida" em francês - com a conhecida professora local Lyuba Duprat, intensificaram meu gosto pelas manifestações do espírito e pela história da cidade. No alto de seus noventa e tantos anos, mestre em língua e cultura francesas e em história da arte, a mente ainda lúcida e brilhante recordava, entre uma lição e outra, de um mundo passado: o Rio Grande do início do século XX, onde seus pais dirigiam-se elegantes em carro puxado a cavalo ao Teatro Sete de Setembro para assistir a Companhia de Operetas do maestro Lahoz. (BITTENCOURT, 1999, p. 19)

Seja por sua carreira como professora, pela sua personalidade, tida como marcante pelos entrevistados, ou pela relação com o seu pai, Lyuba Duprat, ficou conhecida na cidade dentro de meios considerados portadores de erudição. Os relatos de ex-alunos e pessoas que conviveram com a professora, são sempre pautados por dois elementos que podem ser considerados estruturantes: a forte personalidade e o mundo dos objetos que caracterizavam o lugar onde vivia e ministrava as aulas, espaço híbrido entre o público e o privado. Uma de suas ex-alunas, Maria Helena de Souza (2009), escreveu em seu blog um texto sobre Lyuba e o período em que foi sua aluna:

Andava sempre de saia preta e blusa de cambraia branca. Os cabelos, quando saía de casa, sempre presos por uma rede cinza claro que ela amarrava no coque preso por alfinetes de tartaruga. Seus alunos só a chamavam de Mademoi-

selle – sem o nome. Os alunos que conheceu pequenos ela chamava de “mapetite” ou “monpetit”. Atrasos de mais de 10 minutos: telefonema para a casa do aluno. Bilhetes iam e tinham que voltar assinados pela mãe ou pelo pai. Só usava tinta roxa em sua Mont Blanc, quando essa marca não era moda, era apenas a melhor caneta-tinteiro. Os bilhetes, as cartas e os cartões enviados da França eram reconhecidos à distância, pela cor da tinta. Para as correções em nossos cadernos, lápis vermelho grosso. Fecho os olhos e ainda vejo o **Répétez!**

Essa citação mostra um pouco da importância desses objetos na construção da personalidade de Lyuba e, principalmente, a relação que eles tinham na sua vida cotidiana. A ex-aluna, em um pequeno trecho, consegue elencar alguns objetos que faziam parte da vida profissional da Lyuba e, conseqüentemente, de suas aulas e da relação com seus alunos, e que ficaram marcados na memória de Maria Helena, são eles: a caneta-tinteiro, a saia, a blusa, a rede no cabelo e os alfinetes de tartaruga. Dessa maneira, é possível perceber que a imagem da Mademoiselle Lyuba Duprat possui uma relação forte com os objetos que a cercava, sejam objetos de vestir, como os de decoração e domésticos. Além de Maria Helena, as entrevistas que ainda estão sendo realizadas nesta pesquisa mostram quanto os objetos foram importantes para a construção da personalidade de Lyuba e como eles influenciam nas memórias de seus ex-alunos. As lembranças são sempre rodeadas pela cultura material, principalmente aqueles os objetos de indumentária, que estavam sempre presentes e com os quais ela não saía sem, confirmando a teoria de Meneses (1999) daqueles objetos *extend self*.

Mademoiselle Lyuba Duprat faleceu por complicações da idade, mas sempre viu a morte como ritual necessário de descanso, depois de o dever cumprido. Lecionou até os últimos dias de sua vida, inclusive depois de perder praticamente toda a visão.

Mesmo quase sem enxergar, recebia os alunos em sua casa para as aulas, e tinha a ajuda de um amigo e também ex-aluno para fazer as correções e leitura dos textos. Depois de sua morte, parte dos seus objetos e fotografias foi doada para o Museu da Cidade do Rio Grande e à Fototeca Municipal Ricardo Giovanini. Entretanto, alguns objetos foram repassados para seus familiares, sobrinhos, sobrinhos-netos, e primos que moravam em Buenos Aires e Rio de Janeiro; alguns amigos também receberam estes objetos, alguns ainda quando estava viva, como uma demonstração de carinho por aqueles que eram mais próximos a ela. Além disso, outros objetos também foram vendidos para antiquários a fim de arrecadar dinheiro para pagar as despesas *post mortem*.

Afora o Museu da Cidade e a Fototeca Municipal, em 1995 foi inaugurada a Sala de Documentação Lyuba Duprat, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, iniciativa de uma professora da área de francês que foi aluna e amiga de Lyuba Duprat. A Sala possui objetos que pertenceram a ela, formando uma espécie de memorial, no qual livros e utilitários, como a cadeira que ela utilizava para lecionar, a escrivaninha na qual guardava os documentos, o porta-canetas e fazia a correção dos textos e provas de seus alunos, se apresentam ao lado da última fotografia tirada antes de falecer. No texto de inauguração da Sala, é possível identificar o papel que Lyuba teve na cidade e qual o principal objetivo com a criação da sala:

Ao homenageá-la, mantendo viva sua memória e fazendo prosseguir sua história com a inauguração desta sala, nossa proposta junto à FURG, além de mais uma vez reconhecer seu mérito, cria um espaço de informação, cultura e convívio para alunos, professores e comunidade em geral. E, numa visão mais ampla, valoriza as mulheres professoras pioneiras. [...] Precursora, ousada e carismática em seu tempo, Lyuba não perdia oportunidade para muitas vezes radicalizar. Ensinou Francês para crianças e diplomatas, sem

negligenciar os conhecimentos de Cultura, Civilização e História da Arte, que se constituíam em contrato com a vida; e ela só deixou de cumpri-lo quando seu corpo e sua mente cessaram de trabalhar e quando o coração, debilitado pela idade, não resistiu mais ao comando enérgico que ela sempre impôs diante da vida. [...] Disse Proust em *A sombra das raparigas em flor que a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa variação de chuva, num cheiro de quarto fechado, numa sala... em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara...A memória não é apenas uma das faculdades mais importantes do pensamento, ou a capacidade de lembrar. Ela mantém a unidade de nossa personalidade e, sobretudo, constitui-se em nossa história.* (HOMENAGEM À LYUBA DUPRAT, 17/10/1995, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, grifo nosso.)

Nesse parágrafo, algumas qualidades de Lyuba Duprat são destacadas como uma mulher ousada, e com o pensamento à frente das mulheres do seu tempo; dedicada na profissão, aquilo que ela mais amava. No trecho em itálico, destacado por nós, chamamos a atenção para como a professora que criou a sala categoriza a relação com a memória e os lugares, a professora identifica a Sala de Documentação não só como um local de homenagem, mas também de depósito de memória que faz dessa variação de memória que constitui a vida dos indivíduos, como os cheiros, lugares etc. O texto de inauguração da sala também nos mostra como alguns lugares funcionam como fortalecedores e compartilhadores de memórias e histórias, sendo assim, tanto a Sala de Documentação como os objetos que estão inseridos nela, atuam como evocadores e compartilhadores de memória. Além da Sala de Documentação, alguns dos objetos

foram doados para o Museu da Cidade do Rio Grande<sup>2</sup>.

A ideia de doar parte dos objetos de Lyuba para o Museu partiu dos inventariantes, e por saberem do significado que esses objetos tinham para ela, e também por serem, em grande parte, objetos raros e de grande beleza estética. Essa coleção é composta de objetos de várias tipologias: objetos de higiene, utensílios domésticos, itens ligados à sua profissão, adornos e vestimentas, objetos decorativos e mobiliários. Ao todo, são mais de setenta objetos que pertenciam a Mademoiselle Duprat e que hoje fazem parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande.

Conforme foi dito, além do Museu, a Fototeca Municipal Ricardo Giovanini, ligada a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Rio Grande, recebeu parte das fotografias que pertenceram a Lyuba, algumas são retratos e outras são fotos que ela guardava de seus amigos e familiares. Esse conjunto fotográfico recebeu o nome de Coleção Lyuba Duprat e pode ser acessado pelo banco de dados da própria Fototeca, onde todas as fotografias já foram digitalizadas e estão disponíveis para pesquisa. Alguns desses retratos da coleção da Fototeca mostram a figura de Lyuba Duprat com alguns dos objetos lembrados pelos seus amigos e ex-alunos, mostram a sua relação com a França e com a sua família. Abaixo, um retrato de Lyuba Duprat pertencente à Fototeca Municipal Ricardo Giovanini

Nesse retrato (Fotografia 1), Lyuba Duprat com cinquenta anos de idade, está com o colar



**Fotografia 1:** Retrato de Lyuba Duprat, Rio Grande, 1950.  
Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovanini

de pérolas de duas voltas que foi várias vezes lembrado por seus ex-alunos e amigos, em entrevistas realizadas durante a pesquisa.



**Fotografia 2:** Lyuba Duprat na Praia do Cassino, Rio Grande, RS, 1930.  
Fonte: Fototeca Municipal Ricardo Giovanini

Na Fotografia 2, Lyuba Duprat, está com uma menina, provavelmente a sua sobrinha, na Praia do Cassino, em Rio Grande, RS. Nessa foto, Lyuba aparece com dois elementos que também são sempre narrados pelos seus amigos, o chapéu e a luva. Lyuba ficou muito conhecida pelo seu jeito de vestir, as roupas que usava a destacava entre as mulheres da cidade na época. A mademoiselle, como gostava de ser chamada, ficou conhecida por não sair de casa sem as suas luvas, o chapéu, e a sua bolsa. Algumas dessas luvas que ela utilizava, hoje, fazem parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande, junto com

outros objetos que também faziam parte da sua vida.

No entanto, atualmente estes objetos não se encontram expostos, visto que o Museu encontra-se fechado para a restauração do prédio e criação de novas salas de exposição e reservas técnicas apropriadas para o local. Todavia, mesmo que estes não estejam expostos ao olhar do público, o simples fato de estarem em uma instituição memorial, já faz com que adquiram um caráter simbólico e patrimonial diferente do tempo no qual foram gerados, o interior da casa, a vida doméstica e cotidiana de alguém. O significado e a função que estes objetos passam a ter quando são inseridos em lugares patrimoniais é visto por Debary (2010), como uma segunda chance de vida, outra oportunidade de função depois de ter deixado de ser útil ou de possuir extrema importância a ponto de ser doado para o museu. Quando saem do seu local de origem e são inseridos nestes lugares, estes objetos passam a adquirir um poder diferente, pois são revestidos de um caráter patrimonial e museal, segundo Possamai: “coletar, registrar, catalogar, classificar, fotografar e submeter o objeto aos procedimentos de conservação e restauração marcam a mudança do estatuto do objeto comum como peça de museu”. (POSSAMAI, 2011, p. 9) Sobre a transformação dos objetos quando são inseridos em um espaço museológico, Gomes (2010, p. 44) destaca:

As coleções museológicas nos sugerem indícios sobre as relações existentes entre a construção de formas de representação de temáticas e sujeitos e a formação de acervos de cultura material, a partir do momento em que concebemos como um processo social a atribuição de determinados significados, que ocorre desde a seleção de objetos até a construção de discursos sobre a cultura material enquanto patrimônio cultural, digno de ser preservado no espaço museal.

Dessa maneira, o espaço do museu como lugar para a

memória, faz incidir sobre os objetos, uma função social, um significado e um sentido diferente. Como destaca Possamai, quando o objeto dá entrada em um museu, ele passa por um processo de patrimonialização que o difere instantaneamente dos objetos que estão fora do museu. Ao ser descrito em uma ficha catalográfica, receber um número de registro, propor um estudo sobre a sua história antes da chegada na instituição, submeter-se a medições, descrições e análises de seus materiais constitutivos adquire o status de objeto de acervo, modificando, portanto, sua função original. Indo ao encontro do pensamento de Debary (2010), Joaquim Pais de Brito (2010) entende que quando o objeto é doado para o museu recebe uma “nova vida”, e nos dão a possibilidade de entender não só sobre o seu ciclo de vida material, mas também o ciclo de vida dos indivíduos e dos grupos sociais para os quais apresentou algum sentido e utilidade.

Se quando o objeto sai do seu local de origem e é transferido para o museu, ele passa a ter um sentido diferente, uma nova função, os museus também podem ser vistos como mediadores desse compartilhamento de memórias e de histórias, e como instituições que salvaguardam histórias, memórias e esquecimentos. Para Pomian (1984), o objeto que está dentro de um museu é destituído de suas funções originais e de suas atividades econômicas, para locais fechados, expostos ao público e recebendo cuidados especiais para a sua conservação, funções que fazem dele também uma relíquia; “logo, pode-se afirmar que os objetos que se tornam peças de museu têm um valor de troca sem terem um valor de uso” (POMIAN, 1984, p. 54); troca de valores, de sentidos, de significados, de interpretações.

Letícia Julião (2006) aborda a importância da pesquisa histórica dentro do Museu, onde é possível pesquisar e investigar essa biografia cultural dos objetos, pois através deles é possível compreender muito mais do que sua funcionalidade. Para a autora, “o objeto conserva os valores que a sociedade ou o poder lhe conferem. Neste caso, o que importa é, sobre tudo, seu valor enquanto monumento destinado a evocar determinada memó-

ria, cumprindo desígnios que ultrapassam a sua matéria e funcionalidade”. (JULIÃO, 2006, p. 102)

Se os objetos podem servir como fonte de estudo e pesquisa para descobrir essa biografia cultural dos objetos e dos sujeitos que fizeram parte de sua vida social, e o entendimento dos mesmos como documento, conforme visto anteriormente, Julião (2006, p. 99) defende que é “importante observar que os objetos adquirem o caráter de documento somente no momento em que o homem, sujeito que conhece, lhes atribui esse valor. Nesse processo, os museus constituem o espaço, por excelência, no qual se institucionaliza a transformação dos objetos em documentos e bens culturais”.

Sendo assim, o museu tem como função possibilitar e incentivar a pesquisa dentro do seu espaço, pois as suas coleções são vestígios de uma comunidade/grupo, e através deles é possível entender a complexidade dela e também a sua carga memorial. Os objetos estão no museu por algum motivo, foram selecionados pelo seu doador, mas também pelo museu, pois tiveram que passar por uma seleção dentre outros objetos, para fazer parte do acervo. O historiador, como profissional que tem como um dos seus ofícios a pesquisa, pode contribuir para a investigação desses objetos, e para entender melhor o que eles contam. No entanto, como salienta Julião, os objetos não falam sozinhos, é preciso interrogá-los, dar voz aos objetos:

As informações, por sua vez não são latentes nos artefatos; para que se tornem testemunhos da história é preciso interrogá-los como evidência do passado que se quer conhecer. É o trabalho do historiador, movido pelas preocupações do presente, que faz emergir dos objetos as informações através da investigação do confronto e análise de dados. (2006, p. 99).

Nesse sentido, torna-se primordial a presença de profissionais que realizam a pesquisa nos museus e de outras instituições memoriais, pois a pesquisa pode contribuir para o conhecimento do acervo,

das histórias e memórias dos objetos e, conseqüentemente, também contribui para que a instituição consiga fazer a comunicação entre público-acervo da melhor maneira possível, possibilitando também que haja uma maior interação entre os visitantes e os objetos expostos, assim como uma maior disseminação do conhecimento científico e histórico sobre os acervos.

Além disso, ao entrar em contato com objetos que estão salvaguardados em instituições memoriais, o público pode interpretar aquele objeto de maneiras diferentes, o que é algo positivo, visto que a interpretação também auxilia no processo de conhecimento. No entanto, o fato de estarem em um lugar patrimonial e memorial, como o museu, não obriga aos visitantes entender e se apropriar daqueles objetos expostos. Da mesma maneira, mesmo que os objetos de Lyuba Duprat estejam expostos na Sala de Documentação e que sejam vistos por pessoas que a conheceram, esse contato entre eles e os objetos expostos será diferente em cada pessoa. O trabalho de evocação de memória é muito particular, assim como a memória em si, essas pessoas podem lembrar de alguém de várias maneiras possíveis, assim como podem esquecer também de coisas diferentes. Essa relação entre memória e esquecimento no espaço museológico, "o museu se constitui como um espaço de lembranças e esquecimentos, onde os objetos, como vetores de significação, revelam e ocultam determinados sentidos sobre o passado, quando incorporados no espaço museológico". (GOMES, 2010, p. 44)

Sendo assim, espaços como o Museu e a Sala de Documentação fazem parte de um processo de diálogo e de interpretação entre os objetos e o público e pesquisadores. Da mesma maneira que a conservação e da preservação desses objetos se faz necessária, a investigação de suas biografias, de suas trajetórias, também é importante e necessária para a conservação das mesmas, além de auxiliar a compreensão de contextos culturais, sociais e econômicos que marcaram a trajetória do objeto.

### 3. CONCLUSÕES PARCIAIS

Tendo em vista as reflexões apresentadas e os resultados parciais desta pesquisa, é possível perceber que os objetos que nos cercam, e que vamos acumulando ao longo de nossas vidas possuem um papel importante na construção e fortalecimento das nossas identidades, funcionando como evocadores de memórias, a partir do momento em que lembramos do passado quando olhamos para tais objetos. Os objetos possuem uma forte relação com a memória e, além disso, podem ser entendidos como documentos, tendo em vista que mostram a nossa relação com a sociedade e com a nossa cultura. Assim como os arqueólogos, etnólogos e antropólogos, os historiadores podem utilizar os objetos e a cultura material como documentos, como fontes para suas pesquisas para entender, a partir do presente, algo no passado ou no presente. Os objetos são testemunhos históricos. Um estudo a partir dos objetos permite entender essas histórias, trajetórias e biografias inseridas em cada objeto, nesse caso, possibilita conhecer o contexto social e cultural de algo, a partir de outro olhar, diferente dos documentos mais comumente utilizados pelos pesquisadores como aqueles em papel.

Por outro lado, quando estes objetos são deslocados para espaços de memória, como Museus, eles recebem outra função, adquirem um caráter museal e patrimonial, pois passam a integrar um espaço público, que possui em sua missão o diálogo entre o acervo e o público, o incentivo à pesquisa e à educação. No caso citado, as instituições que hoje salvaguardam parte dos objetos e das fotografias que pertenceram à Lyuba Duprat possuem a missão de cuidar desses patrimônios e suas memórias e histórias, possibilitando a pesquisa e a valorização desses patrimônios.

No caso específico dos objetos da Lyuba Duprat, eles possuem esse caráter de objeto biográfico, carregados de memórias, histórias e biografias, além de funcionar como evocador de memórias e lembranças dos momentos que os alunos passaram com ela, em sua casa, na rua etc. Nesse sentido, o estudo a partir dos objetos

que foram tão importantes para a construção de sua personalidade e identidade, passa a ser crucial para entender essa relação dela com os objetos e também para compreender outro lado de sua história, narrada através da cultura material. Essa pesquisa pode contribuir para os estudos da memória e da cultura material, a fim de entender um pouco mais sobre a relação entre objetos, cultura material e a memória.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade:** sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da História de Rio Grande. Rio Grande: EdFURG, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Tempos vivos e tempos mortos.** Caminho das artes / A arte fazendo escola. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, 2005.
- BRITO, Joaquim. P.. **L'objet, le musée et la main interdite.** In : Dossier des Mélanges de la Casa de Velázquez. Nouvelle Série, 40 (1), 2010, pp. 143-145.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Antropologia de la memoria.** Buenos Aires: Nueva Vison, 2006.
- DEBARY, Octave. **Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias.** In: Revista Memória em Rede: Pelotas, v.2, n.3, ago-nov. 2010.
- DEBARY, Octave e TURGEON, Laurier. **Objets e mémoires.** Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007, pp. 13-32.
- FERREIRA, Maria. Letícia. M. **Objetos, lugares de memória.** In: MICHELON, F. F., et. al. **Fotografia e memória:** ensaios. Pelotas: EdUFPEl, 2008.
- GOMES, Alexandre. O. e OLIVEIRA, Ana Amélia R.. A construção social da memória e o processo de resignificação dos objetos no espaço museal. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, v. 3, n. 2, jul/dez 2010.
- GONÇALVES, José. Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- JULIÃO, Letícia. A pesquisa histórica nos museus. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas.** 2 ed. Belo Horizonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus: MEC, 2006.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. 2008. **A vida social das coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.
- LIMA, C. Memória familiar nos objetos biográficos e nas obras literárias. In: **Revista História & Ensino:** Londrina, v. 7, out. 2011, pp. 33-45.
- MENESES, Ulpiano. T. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: **Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.11, n. 21, 1998.
- MOLES, A. A. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean; et al.,. **Semiologia dos objetos.** Petrópolis: Vozes Limitada, 1972.
- POMIAN, Krzystof. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, v. 1: Memória - História. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

POSSAMAI, Z. R. **Nos bastidores do museu:** patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST, 2011.

SOUZA, Maria Helena R. R. 2009. Pessoas, lugares momentos. Disponível em:  
<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/mariahelena/posts/2009/09/27/pessoas-momentos-lugares-notas-226963.asp>. Acessado em 15 de agosto de 2013.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: **Projeto História**, São Paulo (17), abril, 1997.

TURGEON, Laurier. La mémoire de laculturematérielle et laculturematérielle de lamémoire. In: DEBARY, Octave e TURGEON, Laurier. **Objets e mémoires**. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007, pp. 13-32.